

ENSINO BILÍNGUE EM CABO VERDE: DESAFIOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

BILINGUAL TEACHING IN CAPE VERDE: CHALLENGES AND EDUCATIONAL PRACTICES

Ailene Cristina Brito Soares Rosa,¹

RESUMO: Este artigo almeja apresentar, analisar e discutir o ensino bilíngue em Cabo Verde, considerando, principalmente, suas dimensões linguísticas. Partimos da análise investigativa de uma escola do ensino fundamental da periferia da ilha de Santiago, cidade da Praia, que iniciou há algum tempo os seus estudos bilíngues, ou seja, crianças aprendem em português, que é a língua oficial do país, e em caboverdiano,² que é a língua materna da maioria da população. A análise foi feita com base nos pressupostos teóricos de autores tais como Veiga (2002), Leiria (1999), Jovanovic (1992) e Moreira (2017), dentre outros. Com base na observação dessa escola, analisamos como as políticas linguísticas interferem no ensino da língua materna, como é feita a formação dos professores, e observamos se o ensino bilíngue é algo eficiente dentro da realidade caboverdiana, a qual possui um contexto multicultural e multilíngue, com a composição por nove ilhas habitadas, cada uma com sua cultura e, principalmente, cada uma com sua fala própria. O objetivo do trabalho é analisar se o modelo do ensino bilíngue é mais adequado para Cabo Verde, e quais são os prós e contras desse modelo. A metodologia utilizada foi uma pesquisa de campo, visitando e interagindo na escola. A pesquisa revela resultados positivos, apontando que alunos que aprendem num regime bilíngue dominam melhor sua língua materna e sua língua oficial ou segunda língua, o que proporciona uma melhoria no aprendizado do português e o domínio da língua materna tanto na fala como na escrita.

Palavras-chave: Bilinguismo. Ensino de línguas. Língua caboverdiana.

ABSTRACT: This article aims to present, analyze and discuss bilingual education in Cape Verde, considering, mainly, its linguistic dimensions. We started with the investigative analysis of a primary school in the outskirts of the island of Santiago, the city of Praia, which started its bilingual studies some time ago, that is, children learn Portuguese, which is the official language of the country, and in Cape Verdean, which is the mother tongue of the majority of the population. The analysis was based on the theoretical assumptions of some authors such as Veiga (2002), Leiria (1999), Jovanovic (1992) and Moreira (2017), among others. Based on the observation of this school, we analyzed how language policies interfere in the teaching of the mother tongue, how the teacher training is done, and we observe if the bilingual education is something efficient within the reality of Cape Verde, which has a multicultural and multilingual context, made of nine inhabited islands, each with its own culture and, mainly, each with its own way of speaking. The objective of the study is to analyze if the model of bilingual education is more appropriate for Cape Verde, and what are the pros and cons of this model. The methodology used was a field research, with visitations to the school and interactions there. The research reveals positive results, pointing out

¹ Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Letras, como requisito parcial para a obtenção de Licenciatura em Letras, orientado pelo Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio.

² Escreve-se caboverdiano sem hífen, pois não se trata de um erro, mas sim de uma representação que não está conforme a norma ortográfica portuguesa. Conforme refere Veiga (2002, p. 3), Cabo Verde representa um único monema, tal como caboverdiano. O elemento “verdiano” não é um monema autónomo e, por isso, o uso do hífen para separar duas unidades do mesmo monema não faz sentido.

that students who learn in a bilingual system master their mother language better, as well as their official language or second language, promoting an improvement in learning Portuguese and in mastering their mother language in both speaking and writing.

Keywords: Bilingualism. Language teaching. Cape Verdean language.

Introdução

Sabemos que comunicar é uma das necessidades básicas do homem, afinal de contas o homem é um ser cultural e social. Para Cabo Verde, o contato entre comunidades diferentes levou à interação e criação de um código novo de comunicação, código este que faz parte da língua caboverdiana. O processo de migrações também desempenhou um papel importante, pois nelas se deslocam línguas e culturas, o que foi de extrema importância para a formação da língua caboverdiana.

Se tivermos um olhar mais aprofundado da realidade, percebemos que pertencer a uma minoria linguística pode ser uma barreira, pois a falta de domínio da língua impede os falantes de aceder a uma série de processos culturais e sociais daquela mesma língua. Esta situação obriga-nos a pensar e repensar as metodologias utilizadas no ensino/aprendizagem de uma língua. Em Cabo Verde, a língua portuguesa tem sido ministrada para os caboverdianos como língua materna, ignorando totalmente a situação e a condição em que os alunos se encontram. Estamos falando de estudantes nativos que têm um primeiro contato com a língua caboverdiana, vão para o ensino infantil, falam a língua materna constantemente, empregam aquela língua para se comunicarem com uma boa parte da população, e, quando entram no ensino fundamental, ficam sujeitos a aprender uma outra língua, uma língua oficial que advém de um outro contexto cultural, pois a língua também é uma questão cultural. Por tudo isso já contextualizado, escolhemos este tema para este estudo, buscando compreender como se dá esse ensino bilíngue dentro de uma escola de ensino fundamental.

Esse trabalho busca refletir sobre o porquê do ensino em Cabo Verde, predominantemente, ainda ser em língua portuguesa? O porquê de a língua cabo verdiana não ser oficializada? E o principal: porquê que os caboverdianos não aprendem a escrita de sua própria língua?

Desse modo, o intuito dessa pesquisa é contribuir com o desenvolvimento da língua caboverdiana, mostrar que ela pode ser oficializada e principalmente deve ser valorizada. O ensino da língua tem uma grande importância e o aprendizado não deve se limitar somente a sala de aula. Os professores quando lecionam devem ter noção da diversidade linguística que existe, buscando facilitar o aprendizado do aluno.

1. O contexto de Cabo Verde – a relação entre as línguas

“A língua caboverdiana não foi uma dádiva nem um empréstimo” (VEIGA, 2002, p.5). Para o linguista caboverdiano Manuel Veiga,³ a língua caboverdiana nasceu do gênio e da resistência secular do povo caboverdiano, primeiro em uma situação de escravização e depois numa situação de colonialismo. Na segunda metade do século XV, marinheiros portugueses estavam chegando em Cabo Verde. Logo no primeiro momento, idealizou-se que a localização geográfica das ilhas era favorável ao comércio escravocrata e, assim, a ilha de Santiago foi utilizada como uma espécie de placa giratória do tráfico escravocrata.

³ **Manuel Monteiro da Veiga** é um linguista caboverdiano de referência tanto em seu país como na comunidade internacional. Especialista e um dos maiores estudiosos e defensores da valorização da língua caboverdiana.

Já na segunda metade do século XIX, o tráfico de escravos foi banido, todavia um novo sistema foi implementado, a dominação colonial. Apesar da exploração e da dominação, um novo nascimento acontecia nas ilhas, o nascimento do povo caboverdiano. Com este nascimento, surgia também um dos elementos mais importantes para a identificação de um povo, a língua, que nascia de um contexto de tolerância imposta por algumas circunstâncias, por exemplo, o número de negros sobrepunha o número de brancos portugueses, e esses negros tinham a necessidade de se comunicar em uma língua que os portugueses não conseguiriam entender. Ao contrário do que muitos defendem, a língua caboverdiana não é um “português mal falado” ela sofreu influência não só do português, mas de várias outras línguas em sua formação (VEIGA, 2002, P.5).

Nos dias de hoje, Cabo Verde trava uma discussão quanto à oficialização da língua materna. São 9 ilhas e cada qual com sua particularidade linguística e, em meio a este cenário, encontra-se o português que, para a maioria, não só é a língua oficial, mas também a segunda língua do país.

O cenário linguístico caboverdiano é vasto e há que encontrar distinções entre o que é língua materna e o que é segunda língua e, ainda, o que é língua estrangeira, e qual relação existente entre elas. Compreender essas definições é de suma importância para entender a discussão em torno da oficialização da língua caboverdiana e para entender qual o papel e o lugar que o português ocupa dentro da sociedade caboverdiana.

Stern (1983 apud LEIRIA, 1999, p. 1), aponta que o conceito de segunda língua (LS) deve ser aplicado para classificar a aprendizagem e o uso de uma língua não nativa dentro de fronteiras territoriais. No contexto de Cabo Verde, podemos notar que o português europeu se encaixa nessa definição, pois a língua portuguesa é uma língua não nativa dentro da fronteira caboverdiana e, embora seja a língua oficial, o contato acontece apenas nas escolas. Por essa altura, o nativo caboverdiano se encontra com 6 anos de idade ou mais. A LS ou L2 é indispensável para a participação na vida política e econômica do país, assim sendo, o português por vezes é usado nas vias públicas de Cabo Verde, embora haja uma dicotomia, uma linha tênue entre a língua caboverdiana e o português.

Segundo Stern (1983 apud LEIRIA, p.1), diferentemente da LS, a língua estrangeira (LE) ou língua adicional deve ser usada para classificar a aprendizagem e o uso que se dá em espaços onde essa língua não tem qualquer estatuto sociopolítico, podendo ser aprendida em espaços fisicamente distantes daquela em que é falada, o que não se remete ao contexto do português, pois uma língua estrangeira não é falada pela maioria da população. Já a língua materna, ou L1, é a primeira língua do indivíduo, ou seja, é a primeira língua que o falante adquire ainda criança, quase sempre em casa, com os pais, no convívio social, dessa forma, em Cabo Verde, a primeira língua é o caboverdiano. Quando as crianças chegam às escolas, já trazem consigo sua língua materna e são falantes fluentes daquela língua, principalmente em seu convívio social. A língua caboverdiana, como língua materna, tem suas regras próprias de formação de uma língua, apesar de, muitas vezes, afirmar-se que cerca de 99% do léxico da língua caboverdiana advém do português. Veiga (2002) afirma que até hoje nenhum estudo estatístico confirma tais dizeres. O linguista afirma também que, sem dúvida, uma boa parte do léxico da língua caboverdiana advém do português, porém a língua não é somente um amontoado de palavras (VEIGA, 2002, p.5).

A língua caboverdiana hoje tem seu alfabeto, sua gramática própria e suas regras de escrita, um conjunto que viabiliza o ensino da língua materna nas escolas, mas poucos caboverdianos conhecem a escrita e a gramática dessa língua. Quando se mencionam os termos língua caboverdiana, não se está destacando aqui a variante da Ilha de Santiago, pois é de conhecimento amplo no país que ainda se trava uma discussão sobre qual ilha terá sua língua oficializada. Embora esta seja uma discussão para outro momento, é importante compreender que o ensino bilíngue não se remonta somente a língua das ilhas de Santiago. É necessário um estudo de base de todas as variantes (ou línguas) das ilhas, para se resguardarem todos os diferentes modos de fala dessas regiões. Cada ilha necessita da preservação de suas características de fala e, assim, garantir a transmissão linguística e cultural aos seus descendentes. Para que isso aconteça, é preciso que ocorra um estudo de base, assim como o já realizado com a língua da ilha de Santiago, o que

proporciona o ensino do caboverdiano nas escolas de cada ilha, seguindo-se a gramática própria da língua.

Esse ensino contextualizado é possível com base em uma abordagem comunicativa, que poderia privilegiar a consideração da realidade bilíngue caboverdiana. Segundo destaca Jovanovic (1992), a abordagem comunicativa promoveu uma reviravolta no ensino de línguas, pois essa abordagem objetiva, diferentemente de outras, analisar a língua sob uma perspectiva de eventos comunicativos, defendendo o ensino centrado no aluno e na importância de desenvolver competências estratégicas, sendo mais importante saber como usar a língua para se comunicar sem deixar de lado a língua materna, que é de extrema importância para o desenvolvimento dessa competência. Assim posto, percebemos que para o linguista a relação entre língua materna e língua estrangeira no ensino de línguas jamais deixou de estar presente como um grande problema, mascarado pelas perspectivas adotadas ao longo dos tempos. Jovovich (1992) destaca que os estudos a respeito do bilinguismo apontam informações de grande importância para a percepção de relações entre a língua materna e a língua estrangeira, durante o processo de aprendizagem de uma língua.

Para Souto (2014), é de extrema importância que a sociedade compreenda que a língua utilizada em determinada situação não deve ser considerada um erro. A sociedade, bem como a escola, deve estabelecer uma ponte entre o português e a língua caboverdiana, valorizando ambas e incentivando um espaço compartilhado e não uma colisão entre a língua materna e a língua oficial, pois como é sabido, é mais fácil dominar outra língua quando compreendemos e dominamos nossa própria língua.

2. Mas afinal o que é o bilinguismo? E o ensino bilíngue?

O bilinguismo é difícil de se definir, não tem uma definição concreta, pois vários autores apresentam suas definições próprias, expondo suas linhas de pensamento. Para Megale (2005), na visão popular, o ser bilíngue é o mesmo que ser capaz de falar perfeitamente duas línguas. Já Macnamara (1967) propõe que um indivíduo bilíngue é alguém que possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas, falar, ouvir, ler e escrever, em uma língua diferente de sua língua nativa.

Mas ser bilíngue vai um pouco além, pois devemos nos questionar se ser bilíngue é somente ter proficiência em ambas as línguas. E o indivíduo que não tem? E aquele que compreende, mas não fala? A nosso ver um indivíduo bilíngue pode sim ter diferentes níveis de proficiência, e continuar sendo bilíngue, para isso basta que exerça a habilidade comunicativa, afinal a língua nada mais é do que um instrumento de comunicação.

Para Mello (2010), o ensino bilíngue ultrapassa as fronteiras da língua, de um país, ela ultrapassa as paredes da escola, tornando uma educação de inclusão, onde a família, os amigos e a sociedade desempenham um papel.

Ainda para a autora:

A expressão *educação bilíngue* tem sido frequentemente usada na sua acepção mais abrangente para incluir todas as situações em que duas ou mais línguas estão em contato, fazendo-se a distinção entre as suas diversas tipologias somente quando o contexto ou a situação requer um maior detalhamento técnico. De maneira semelhante, quando se usam as expressões *escola bilíngue* e/ou *sala de aula bilíngue*, faz-se referência à possibilidade de ocorrência de uso de mais de uma língua nesses contextos, mesmo quando se espera que uma única língua seja usada na maior parte das interações que ocorrem nesses contextos. (MELLO, 2010, p.5, destaques da autora).

É sabido que o caboverdiano é utilizado, na maior parte das vezes, em casa, em alguns postos de trabalho, na rua, e até mesmo nas escolas, fora da sala de aula, mas dentro do ambiente

escolar, tanto pelos alunos como pelos professores e seus colegas de trabalho. Sendo assim não se pode barrar a língua caboverdiana de entrar dentro das salas de aula, pois ela é utilizada na maior parte das vezes, promovendo uma interação entre os falantes nativos.

3. Configuração do ensino em Cabo Verde

O Ministério da Educação de Cabo Verde deu um importante passo no que tange ao ensino da língua materna nas escolas. Um projeto inovador determinou a introdução da língua materna no sistema educativo caboverdiano.

O projeto tem como objetivo principal valorizar a língua materna, mas também, através da língua materna, promover uma melhoria no que diz respeito ao ensino/aprendizagem da língua portuguesa. Segundo a então diretora que deu início ao projeto, Teresa Lima, para iniciar a experiência bilíngue no ensino, o Ministério da Educação teve que formar, juntamente com a autora do projeto, a professora universitária portuguesa especializada em línguas, Ana Josefa Cardoso, um grupo de professores que lecionariam a disciplina da língua caboverdiana (Jornal de Notícias do Norte, 2017). Inicialmente o projeto foi aplicado em uma escola do ensino básico e, com o passar do tempo e com os bons resultados recolhidos do projeto, foi implementado em mais uma escola, no interior da Ilha de Santiago. É justamente com base neste projeto e em seus resultados que propomos a discussão sobre o porquê de aprender somente o português, se os alunos já são falantes fluentes do caboverdiano? O objetivo não é de modo nenhum desvalorizar o ensino/aprendizagem da língua portuguesa, mas sim construir um ensino bilíngue de qualidade utilizando a língua materna e a língua oficial.

O atual governo também deu início, concernente ao ensino em Cabo Verde, ao ensino do português como língua não-materna, um acordo feito com o Instituto Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, na Praia.

Segundo a atual ministra de educação, Maritza Rosabel, o objetivo desse projeto é melhorar a aquisição da língua portuguesa no país. Para a ministra, "A língua portuguesa é abordada como língua primeira de Cabo Verde, quando não é. Temos uma eficácia do sistema muito baixa, em que apenas 44 por cento das crianças que começam o primeiro ano finalizam o 12º em tempo" (Revista Voa Português, 2016).

A ministra caboverdiana admitiu ainda que a "duplicidade linguística afeta o processo, pois a língua materna é o crioulo, mas como língua instrumental de trabalho e de comunicação temos que fortalecer a língua portuguesa".

O português começará a ser ensinado como segunda língua (L2) no ensino pré-escolar e no primeiro ano do ensino fundamental, avançando assim aos demais ciclos.

A população caboverdiana ficou um tanto confusa com essa medida, talvez por não entender a distinção entre língua materna e língua segunda, e o quanto é improdutivo ensinar o português como língua materna ao passo que ela não é. Veiga (2017), através da sua página no *facebook*, apresenta um artigo intitulado ***O Português como Língua Segunda (L2). O Caboverdiano como Língua Primeira (L1)***, na qual esclarece a sociedade a atitude do governo:

É verdade ou não que a maioria esmagadora dos caboverdianos aprende o português na escola e não desde o berço como acontece com Língua Caboverdiana? Se a resposta for afirmativa, então o português, em termos de processo de aprendizagem, é Língua Segunda, em Cabo Verde (VEIGA, 2017, P.1).

Veiga acrescenta ainda que:

Sendo ambas as línguas importantes, ambas devem ser estudadas com rigor, mas com metodologia diferente. Se é certo que em Cabo Verde se deve estudar o português com o mesmo rigor que é estudado em Portugal, não será satisfatório -ensiná-lo com a mesma metodologia que aí se usa, já que em Portugal ele é língua materna dos aprendizes (VEIGA, 2017, p.1)

Com base na atitude tomada pela Ministra da Educação, acreditamos que seja uma nova era para o ensino\aprendizagem, tanto do português como da língua caboverdiana. Ensinar o português como língua segunda nos mostra que o português não é tampouco nossa língua materna, e apesar do pouco prestígio que a língua caboverdiana tem perante a sociedade, ainda há grandes chances da oficialização da língua.

Como já apontado, o projeto do ensino bilíngue em Cabo Verde partiu da linguista Ana Josefa Cardoso, que afirma:

Não podemos continuar a fingir que a nossa língua materna não existe e mantê-la fora do sistema educativo. Não me parece sensato continuar a fazer ouvidos moucos e fingir que no final da escolaridade todos os alunos têm um domínio suficiente do português para as suas necessidades, quando nem sequer têm consciência das diferenças entre a sua língua materna e o português (Notícias do Norte, 2017).

Cardoso complementa ainda que:

É necessário olhar para a educação bilíngue com seriedade, investir na formação de professores e na criação de condições para que não se mantenha eternamente como uma experiência dependente apenas da boa vontade e do empenho de algumas pessoas (Notícias do Norte, 2017).

Para a professora, o ensino da língua portuguesa continuará prejudicado se não tivermos um olhar panorâmico sob a nossa língua materna.

Para Moreira (2017), o ensino bilíngue melhora a aprendizagem da língua portuguesa, o que já se comprova, inclusive, por meio de estudos já realizados. O linguista aponta que investigações sobre o ensino bilíngue na ilha de São Vicente já revelaram bons resultados, e foram inclusive motivo de discussão na II Jornada da Língua Portuguesa (investigação e ensino), organizada pela cátedra Eugénio Tavares⁴ da Universidade de Cabo Verde, em Dezembro de 2016, tendo como tema “speriencias di ensinu bilingi” (Kabuverdianu\português).

A investigação aponta a recomendação da adoção de um modelo educacional bilíngue flexível, permitindo que as escolas implementem um ensino bilíngue, levando em conta cada contexto e especificidade. A diretora da cátedra Eugénio Tavares, a sociolinguista Amália Melo Lopes, no dia 10 de Dezembro de 2010, apresentou a comunicação social os resultados da pesquisa, mostrando que o ensino formal da língua materna facilita a aprendizagem das outras línguas, assim o projeto de ensino bilíngue intitulado “si ka fila tudu, ta fila um ponta- uma experiência de Educação Bilíngue” apresentado e aprovado pelo Ministério da Educação, mostra sua importância para a educação caboverdiana.

4. Metodologia

⁴ Cátedra Eugénio Tavares é um centro da universidade de Cabo Verde especializada na investigação e promoção da formação dos professores de português enquanto língua segunda ou língua estrangeira.

Ao longo da pesquisa, realizamos várias leituras sobre o ensino bilíngue, leituras de teóricos que expressam suas opiniões sobre o bilinguismo, e o ensino bilíngue em alguns países. Buscamos entender o contexto de Cabo Verde, por ser um arquipélago constituído por 9 ilhas habitadas. Visitamos a escola de Polo nº III de Ponta D'água, a única escola na capital da Praia que tem esse modelo experimental. Nela entrevistamos o professor de ensino bilíngue, conversamos com os alunos que convivem com a experiência do ensino bilíngue e buscamos perceber também como se dá a formação dos professores que lecionam com essa metodologia. Além disso observamos como se dá a participação dos alunos, que material didático a escola usa e quem são os produtores desses materiais. Procuramos entender também como é o funcionamento da escola através da administração da mesma.

A escola que visitamos está localizada em um bairro chamado Ponta D'água, na periferia da cidade da Praia na ilha de Santiago. A unidade de ensino é um dos pilotos nessa experiência do ensino bilíngue e conta com a presença de um professor que leciona a língua materna e uma turma que desde o primeiro ano do ensino básico vem tendo o ensino bilíngue. A turma conta com a participação de 25 a 30 alunos.

Tivemos a oportunidade de conversar com o professor da língua caboverdiana, professor Fernando Jorge Martins e levantamos alguns questionamentos, como por exemplo, como se dava a formação dos professores bilíngues, se a experiência do ensino bilíngue estava sendo mais eficiente do que o modelo tradicional de ensino, como foi a adaptação dos alunos, qual era a reação dos pais etc. Através dessa entrevista, buscávamos compreender realmente se o ensino bilíngue era a melhor forma de aprender em Cabo Verde.

Tivemos a oportunidade também ouvir os alunos e seus relatos do que achavam de aprender a língua materna na escola.

Como complemento de nossa observação, a título de confirmação da experiência vivenciada, também empregamos recente pesquisa apresentada por Martins e Moreira (2015), que apresentam resultados sobre a efetividade do ensino bilíngue em Cabo Verde.

Houve também o acompanhamento de uma aula na qual a literatura infantil da língua materna dominava a sala, e, acompanhada desse modelo inovador, as dificuldades que o projeto enfrenta. Podemos refletir e repensar o ensino bilíngue não só em Cabo Verde, mas também nos demais países africanos colonizados por Portugal, e repensar qual o espaço da língua materna desses países.

5. Proposta *versus* realidade

A implementação do projeto bilíngue começou no ano letivo de 2013/2014, em duas escolas básicas da ilha de Santiago, uma no Concelho de São Miguel, em Flamengos e outra na Cidade da Praia, em Ponta d'Água.

A observação da realidade das escolas permitiu apontar alguns desafios que ainda não foram superados, principalmente porque o ensino bilíngue é algo que ainda não é muito divulgado dentro das ilhas caboverdianas. Essa dificuldade se deve maioritariamente à falta de discussão sobre a importância de se aprender a língua materna nas escolas. Não há um pensamento crítico formado em relação a isso e ainda se convive com o radicalismo e a disputa entre as línguas.

Após a avaliação do primeiro ano da experiência e devido aos bons resultados, no ano letivo seguinte, o ensino bilíngue foi alargado a duas escolas do Tarrafal (Santiago). No ano letivo 2015-2016, mais duas escolas do Concelho de São Domingos e duas da ilha de São Vicente passaram a contar com o projeto.

6. A experiência da escola polo de nº III de Ponta D'água

A pesquisa realizada na escola de ensino básico, escola polo de nº III em Ponta D'água, cidade da praia, ilha de Santiago, permitiu, como já apontado na metodologia, que tivéssemos a oportunidade de assistir a algumas aulas do ensino bilíngue. Na escola, apenas uma sala tem esse modelo e o acompanhamento vem sendo feito desde o primeiro ano do ensino básico. A sala conta com a participação de aproximadamente 25 a 30 alunos, funcionando no período da tarde. Os alunos têm várias disciplinas, como matemática, ciências, português e caboverdiano, um marco histórico para a educação no contexto social do país. Os alunos se encontram na quarta classe (quarto ano de escolaridade) e contam com um professor de língua portuguesa e um professor de língua caboverdiana, que, em conjunto, trabalham para a melhor harmonização dessas duas línguas.

A entrevista feita ao professor Fernando Jorge Martins (o único professor de língua materna naquela escola) permitiu constatar que, apesar das dificuldades, o ensino bilíngue vem funcionando. Os alunos aprendem a escrita com base na ALUPEC (O Alfabeto Unificado para a Escrita do Caboverdiano), que é o alfabeto oficialmente reconhecido pelo governo do país. Os professores têm uma formação na universidade de Cabo Verde, no Programa de Formação ECVP (Formação nos Estudos Caboverdianos e Portugueses).

Ainda não existem materiais didáticos para as aulas, o que dificulta o aprendizado. O professor utiliza alguns materiais por ele produzidos e o apoio dos livros e contos de literatura escritos na língua materna, por exemplo “lobu ku xibinhu” que é um clássico da literatura infantil caboverdiana. Durante as observações das aulas, podemos notar o quanto a língua está atrelada a questão cultural, pois não existe ensino de língua sem cultura, a língua é cultura. Esse pensamento torna os alunos mais participativos e mais interessados, mostrando que estão aprendendo e principalmente estão aprendendo de forma lúdica. Eles não têm receio de levantar questionamentos e nem de participar nas aulas, o que geralmente ocorre nas aulas de português, devido à baixa proficiência na língua, que não é materna. Os pequenos relatam que a melhor parte em aprender a língua materna é chegar em casa e poder compartilhar e ensinar aos pais (que na maioria das vezes não sabem a escrita da língua caboverdiana) o que aprenderam na aula, bem como os momentos de contação de histórias que o professor leva para a sala de aula, o que mostra o quanto a literatura oral é importante para a cultura caboverdiana.

A experiência por nós vivida mostra que apesar do projeto implementado, é notório a dificuldade de se começar a trabalhar com este modelo de ensino, por vários motivos. Conversamos com o atual diretor da escola, que, mesmo sendo novo na instituição, avalia como sendo positivo o projeto. Perguntamos como está sendo o desenvolvimento dos alunos e o diretor considerou que os resultados até agora obtidos são satisfatórios, que os alunos acompanham melhor as aulas e lembrou que os pais também fizeram e fazem parte do projeto, acordando com o modelo de ensino. Questionamos também se o projeto teria continuidade e, segundo o diretor, não se sabe se vai até ao final do ano escolar, pois até o momento não se tem o posicionamento do novo governo. Vale salientar que esta escola não é a única escola que tem esse projeto na Ilha de Santiago. Existe uma outra escola no interior da Ilha que também desempenha esse modelo em fase experimental.

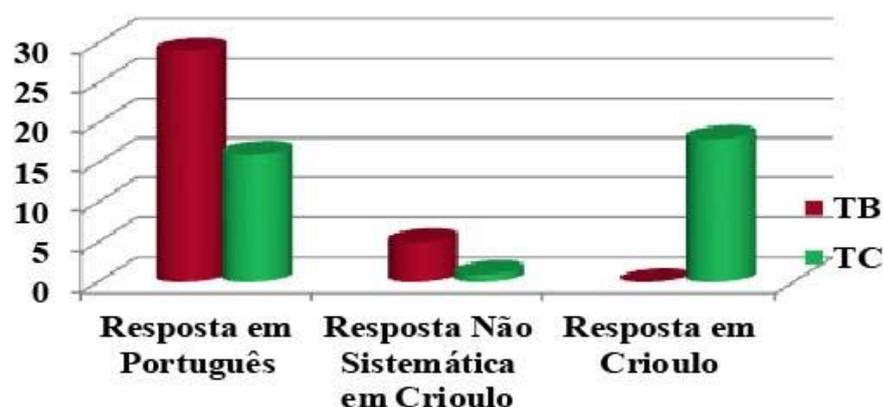
São nítidas as dificuldades que o projeto enfrenta, mas de todas elas consideramos que a falta de material didático é o principal problema, pois, na maioria das vezes, os alunos tiveram acesso a textos literários pelo computador do professor ou então o professor escrevia a parte do texto que eles iriam usar no dia no quadro preto e os alunos copiavam para o caderno, para só então entrarem no assunto da aula, o que resulta em uma considerável perda de tempo. Então é necessário investir mais, principalmente nas produções de materiais didáticos que os alunos possam utilizar não só nas aulas, mas também para estudar em casa.

Apesar da experiência bem-sucedida, o tradicionalismo no ensino continua fazendo parte do dia a dia dos caboverdianos, pois o português permanece (apesar da sua nova implementação) sendo ensinado como língua materna em outras instituições. Alguns professores continuam defendendo apenas o ensino do português, alegando que Cabo Verde nem sequer é um país bilíngue, visto que uma boa parte da população não domina as duas línguas. É inegável que o

português tem maior prestígio na educação cabo-verdiana, e as escolas que defendem o ensino tradicional estão aí para provar, mas o ensino bilíngue também colhe seus frutos. Martins e Moreira (2015), em um artigo publicado no jornal “A Nação” cujo título “*Resultados di ensinu bilíngi na anu letivu 2013/2014*”⁵ ilustram os principais resultados do novo modelo de ensino. De acordo com os dados apresentados, é nítido que as duas línguas são privilegiadas através da competência comunicativa, ou seja, entender, falar, ler e escrever são denominadores comuns desse sistema de ensino.

Os resultados colhidos são satisfatórios e corroboram nossas observações, mostrando que a habilidade de falar português dos alunos da turma bilíngue é significativamente superior em comparação com os alunos do ensino tradicional, também chamados de “turma di Kontrolu” da mesma escola.

Segundo Martins e Moreira (2015), foi apresentada aos alunos a mesma imagem para que dissertassem algo sobre. De 34 alunos da turma bilíngue, 29 responderam em português e 5 responderam na língua caboverdiana, misturando algumas coisas com o português. E de 35 alunos na turma “di kontrolu”, 16 deram a resposta na língua portuguesa, e 1 na língua caboverdiana misturando com o português e 18 deram resposta na língua caboverdiana. Este teste foi aplicado no final do ano primeiro de escolaridade.



Fonte: Martins e Moreira (2015, p.1)

Ainda no final do primeiro ano de escolaridade, foi pedido aos alunos da turma bilíngue para escreverem uma carta em português e foi constatado que houve uma melhora no que diz respeito ao domínio da língua portuguesa.

Para o professor de ensino bilíngue, Fernando Jorge, o novo modelo de ensino, mesmo que em fase experimental, é melhor, pois os alunos ficam mais à vontade e mais espontâneos, tendo uma maior desenvoltura nas atividades de sala de aula. O professor caracteriza a adaptação dos alunos de forma positiva, pois costumam ser mais participativos em ambas as aulas.

Na nossa perspectiva, esse modelo traz grandes melhorias para o sistema educativo caboverdiano e os caboverdianos alcançarão um nível de proficiência maior no português apenas com a revisão do modelo educacional. Pudemos constatar que o projeto ainda enfrenta vários desafios, mas mesmo assim é viável para as salas de aula. É nítido também que o Governo

⁵ Resultados do ensino bilíngue no ano letivo 2013\2014

caboverdiano precisa se posicionar de alguma forma e contribuir para que o modelo seja eficiente e enfrente cada vez menos desafios.

7. Conclusão

Analisando o projeto de ensino bilíngue, mesmo em sua fase inicial, podemos perceber que já apresenta resultados bastante positivos. O projeto está sendo alargado para mais escolas, os estudantes estão melhorando seus índices de desenvolvimento nas línguas-alvo, de forma simultânea, sem, contudo, competição entre as línguas. Os estudantes têm participação mais efetiva nas aulas, conforme relatam não somente os professores, mas também a direção da escola.

Não há inibição por parte dos estudantes, na exposição de opiniões, tanto na língua materna como na língua segunda. A expectativa é que mais escolas possam aderir a esse modelo que tem se mostrado eficiente, e assim tornar o ensino em Cabo Verde cada vez mais eficiente, despido de preconceitos, dando valor as línguas que fazem parte da cultura do povo caboverdiano.

Há que se fazer um trabalho de conscientização dentro da sociedade para que não haja tanto embate sobre a L1 e a L2, precisamos entender as definições de língua oficial, língua materna, segunda língua para que possamos entender qual o espaço de cada língua na sociedade caboverdiana. Com a pesquisa também fica nítido que os governantes precisam se posicionar de alguma forma a respeito da oficialização da língua caboverdiana, e os linguistas precisam encontrar um ponto de união entre as variantes de cada língua preservando e respeitando sempre a cultura e o jeito de cada ilha para que não haja competição e nem desvalorização de nenhuma cultura dentro da cultura caboverdiana. A população deve entender o processo da língua, desmistificando alguns preconceitos que possam haver já que a língua afeta os espaços que estamos inseridos.

O papel do professor educador bilíngue também é de extrema importância, mostrando para os alunos que não precisa haver concorrência entre as duas línguas, mas que uma complementa a outra e que cada uma tem papéis diferentes e igualmente importantes na sua formação.

Desse modo, o ensino bilíngue se torna mais adequado, visto que caboverdianos são bilíngues, tendo uma língua materna e uma língua oficial. É preciso refletir sobre as dificuldades encontradas no ensino bilíngue e criar formas de melhoria, produzindo materiais didáticos de qualidade, além de propor a formação de mais professores que possam lecionar dentro das perspectivas do bilinguismo, e promover debates que esclareçam a população das diferenças entre L1 e L2, promovendo melhoria na qualidade do ensino.

Referências

ANA Cardoso: não podemos continuar a fingir que a nossa língua materna não existe e a mantê-la fora do sistema educativo. **Notícias do Norte**, Cabo Verde, 26 de Fevereiro. 2017. Disponível em: <<http://noticiasdonorte.publ.cv/56300/ana-cardoso-nao-podemos-continuar-fingir-nossa-lingua-materna-nao-existe-mante-la-do-sistema-educativo> - acesso em 3 de Janeiro de 2017.> Acesso em: 2 de jul. 2017.

ENSINU bilíngi ta midjora aprendizajen di purtuges. **A Nação**, Praia, 25 de Janeiro. 2017. Disponível em: <<http://anacao.cv/2017/01/25/ensinu-bilingi-ta-midjora-aprendizajen-di-purtuges/>> - acesso em 3 de Maio de 2017.

LEIRIA, Isabel. Português língua segunda e língua estrangeira, investigação e ensino. **Fórum Telecom-** Picoas, Lisboa, 1999.

JOVANOVIĆ, Aleksander. Língua materna vs. Língua estrangeira: uma relação fundamental (porém menosprezada) no ensino\aprendizagem de línguas. **Revista Fac. Educação**, Jul\Dez 1992.

MELLO, H. A.B. Educação bilíngue: Uma breve discussão. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, v. 9, n.1, p. 118-140, 2010.

MEGALE, A. H. Bilinguismo e educação bilíngue – discutindo conceitos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. v. 3, n. 5, agosto de 2005. Disponível em <www.revel.inf.br>. Acesso em: 2 de jul. 2017.

MOREIRA, Marciano. **Rizultadus di ensinu bilíngi na anu letivo**, 2015. Disponível em: <<http://anacao.cv/2015/01/08/rizultadus-di-ensinu-bilingi-na-anu-letivu-20132014/>> - Acesso em 23 de Abr. 2017.

PORTUGUÊS passa a ser ensinado em Cabo Verde como segunda língua. **Revista Voa português**. 7 de Dezembro. 2016. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/portugues-segunda-lingua-cabo-verde/3626880.html> - acesso em 5 de Junho de 2017.

SOUTO, M. V. L.; ALÉM, A. O. F. G.; BRITO, A. M.; BERNARDO, C. Conceitos de língua estrangeira, língua segunda, língua adicional, língua de herança, língua franca e língua. **Revista Philologus**, Ano 20, N° 60 Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2014.

VEIGA, Manuel. **O caboverdiano em 45 lições**. Praia: Terra Sabi, 2002.